

O CÓDIGO COMPORTAMENTAL GILLETTE

Fora da série

(um código entre códigos)

“As palavras dizem quem uma pessoa deseja ser. O comportamento diz quem ela foi por tempo suficiente para se tornar.”

I. O código comportamental

De todos os códigos que regem a vida dos homens, o comportamental talvez seja o menos observado e o mais presente. Não está escrito nas leis. Não aparece nos regulamentos. Não é ensinado abertamente nas escolas. E, no entanto, acompanha cada indivíduo do começo ao fim da sua existência — moldando escolhas, reações, simpatias, distâncias, silêncios e até erros.

Quando falamos dos povos do mundo, descrevemos culturas, tradições, hábitos, crenças. Quando falamos do indivíduo, a explicação costuma ser entregue a dois grandes pilares: a genética e a educação. De um lado o que se herda, do outro o que se aprende. É uma explicação ordenada, tranquilizadora e em parte correta. Mas a vida real mostra algo mais complexo. Pessoas criadas na mesma família desenvolvem comportamentos radicalmente diferentes. Indivíduos de culturas distantes reagem aos acontecimentos de maneiras surpreendentemente parecidas. Irmãos educados pelos mesmos pais tomam caminhos opostos, enquanto estranhos nascidos em continentes diferentes parecem compartilhar a mesma lógica interior.

Portanto, alguma coisa escapa às classificações mais fáceis. É o que eu chamo de código comportamental. Não se vê à primeira vista. Não é elegante como um terno de grife, não é vistoso como a riqueza exibida, não é reconhecível como um sotaque ou uma língua. Não deixa marca visível no rosto de uma pessoa.

O código comportamental vive em outro lugar. No modo como alguém enfrenta uma dificuldade. Na rapidez com que concede confiança. Em como lida com o poder quando o tem nas mãos. Na escolha de cumprir uma promessa ou de quebrá-la. Na capacidade de esperar — ou na incapacidade.

Duas pessoas podem dizer as mesmas palavras e fazer o mesmo gesto. E, no entanto, o código que as move pode ser inteiramente diferente. O comportamento visível é só a superfície do fenômeno. O que observamos todos os dias não é o código, mas o seu efeito. Como o vento, que nunca se vê diretamente, mas se revela no movimento das árvores, o código se deixa adivinhar pelas ações, pelas recorrências e pelas escolhas que uma pessoa faz ao longo do tempo.

Seu traço mais interessante é a estabilidade. As opiniões mudam. As ideologias mudam. As profissões mudam. Até as convicções mais profundas podem se deslocar ao longo de uma vida. O código comportamental, ao contrário, tende a manter uma estrutura reconhecível. Pode se adaptar, se refinar, amadurecer ou degenerar, mas raramente desaparece. É por isso que algumas pessoas continuam confiáveis mesmo quando perdem tudo, enquanto outras se tornam imprevisíveis no momento em que ganham alguma coisa. É por isso que o caráter emerge sobretudo sob pressão, quando as máscaras sociais se afrouxam e a estrutura interior assume o controle.

Observar o código comportamental é, portanto, observar o ser humano na continuidade das suas ações, não na exceção das suas palavras. Palavras podem ser preparadas. Comportamentos, a longo prazo, bem menos. É por isso que o código é um dos mapas mais preciosos para compreender indivíduos, organizações, comunidades e até nações. Ele não descreve o que uma pessoa declara ser, mas o que ela tende a se tornar quando a vida a põe à prova. E entre o pensamento e a ação existe muitas vezes toda a distância que separa a intenção da verdade.

Dê alguns passos para trás e você volta à primeira casa — à origem. A seres humanos que não possuíam teorias, que nada sabiam de psicologia, sociologia ou genética. Possuíam apenas a necessidade de sobreviver. Naquele mundo primitivo a reação ainda não era uma escolha cultural nem um interesse pessoal. Era uma resposta à própria vida. O código comportamental provavelmente começa ali: na observação, na adaptação, na capacidade de ler o perigo, a confiança, a distância e o pertencimento. Muito antes de aprenderem a se explicar, os homens já tinham aprendido a reagir. Muito antes das religiões, das nações, das profissões e das ideologias, já existiam indivíduos que enfrentavam o mundo de maneiras diferentes. Uns observavam antes de agir; outros agiam antes de observar. Uns construíam alianças; outros preferiam a solidão. Uns dividiam o fogo; outros o defendiam.

Talvez o código comportamental seja exatamente isto: uma memória profunda que atravessa o tempo sem nunca escrever o próprio nome. As roupas mudam, as línguas mudam, as tecnologias mudam — mas alguma coisa continua voltando nas escolhas humanas como uma assinatura antiga, invisível.

Por essa razão sempre olhei menos para as declarações e mais para as recorrências. Menos para as intenções e mais para as consequências. As pessoas dizem quem gostariam de ser; o comportamento delas diz quem foram por tempo suficiente para se tornar.

Isto não é um ensaio antropológico, nem um tratado médico, nem uma análise social. É o ponto de vista de um homem que atravessou pessoas, países, profissões e estações da vida, observando o que elas fazem mais do que o que declaram.

E assim, quando o portador de um código diferente do seu aparece diante de você, ele não impressiona pelo que diz. Impressiona pelo modo como diz. Por aquela distância quase imperceptível entre gesto e palavra. Por aquela naturalidade que não se consegue imitar por muito tempo. Por aquele silêncio que chega antes da resposta. Por aquela escolha que se repete no tempo até se tornar reconhecível. E talvez, depois de lhe contar uma história, ele peça só um dólar para ser ouvido — porque sabe que o valor de um relato não é o preço que ele recebe, mas o comportamento que consegue deixar para trás.

II. Epílogo

O código nunca escreve o próprio nome. E, no entanto, assina cada escolha que você faz.

III. Página do autor

Esta obra não foi encomendada.

Não foi vendida.

Não foi feita com fins comerciais.

Foi escrita para dar testemunho do valor do autoconhecimento, do caráter humano e da arquitetura silenciosa da mente que nenhum diagnóstico consegue nomear por completo.

O único honorário pedido é um dólar simbólico — não como pagamento pela obra, mas como testemunho de um compromisso compartilhado com uma cultura da observação, da honestidade e do cuidado.

Ferdinando